

O Segundo Eclipse do Sol Nascente: as origens das décadas perdidas do Japão

The Second Eclipse of the Rising Sun: the origins of Japan's lost decades

ROGÉRIO MAKINO*

Meridiano 47 n. 111, out. 2009 [p. 23 a 25]

A expressão “Eclipse do Sol Nascente” ficou consagrada em livros como os de Robert Freeborn e Toshikazu Kase, referindo-se à derrota japonesa na Segunda Guerra Mundial. Por meio de uma estratégia imperialista, o Japão pretendia equiparar-se em poder e prestígio às grandes potências do Ocidente (ou mesmo superá-las), mas o desenrolar da guerra sepultou momentaneamente as suas aspirações. A estratégia militarista foi abandonada, mas não o antigo objetivo. A partir de então, o país concentrou-se no desenvolvimento econômico, conseguindo manter altas taxas de crescimento por décadas. Ganhou visibilidade no cenário internacional e tornou-se referência em modernidade. Na década de 80, intensificaram-se os debates internos e as expectativas do mundo por um maior protagonismo no sistema internacional (como à época da Guerra do Golfo). Mas novamente sua ascensão foi interrompida, desta vez por uma crise aguda, seguida de um longo período de estagnação nos anos 90, conhecido como a década perdida do Japão, devendo-se ressaltar que essa tendência apresentou-se como persistente na década subsequente.

Desde a crise, a revitalização da economia passou a ser a prioridade, ocupando a maior parte dos esforços governamentais e deixando-se para segundo plano a possibilidade de uma atuação mais proeminente no meio internacional. Os processos que deram origem à estagnação japonesa são complexos e as suas interpretações controversas. Mesmo assim, é possível destacar pelo menos três pontos essenciais para a sua compreensão: o desgaste do modelo neomercantilista; a crise desencadeada pelo estouro das

“bolhas especulativas”; e o uso de velhas soluções para problemas novos.

Ao final da Segunda Guerra Mundial, o Japão parecia ter tudo para dar errado: pobre em recursos naturais, detentor de um altíssimo índice de desemprego, devastado pela guerra e atrasado tecnologicamente. A despeito de tudo isso, em uma década e meia (1953-1968) tornou-se a segunda maior economia do planeta. Esse milagre econômico pode ser em parte creditado a uma agressiva estratégia neomercantilista, cujo princípio básico é o acúmulo de capital por meio de superávits na balança comercial, e à rápida industrialização estimulada pelo governo. Contribuiu para a viabilidade desse modelo um estado fortemente intervencionista que controlava deliberadamente as importações e subsidiava e protegia as áreas consideradas estratégicas. Segundo Torres [1991: 64], em 1986 o Japão ainda era o país mais fechado entre os membros da OCDE.

Embora os modelos voltados para a exportação tenham numerosos defensores, eles estão longe de alcançar a harmonia de interesses. Um dos seus principais problemas é a impossibilidade de todos os países serem superavitários ao mesmo tempo, ou seja, os saldos positivos na balança comercial são conseguidos em detrimento de alguém. No médio prazo, isso implica que os países deficitários tendem a não aceitar passivamente essa condição [Kosaka 1997: 215], a exemplo dos conflitos comerciais nipo-estadunidenses da década de 80.

Os japoneses conseguiram manter a sua estratégia por um longo período em função de manobras

* Professor do Departamento de História da Universidade de Brasília (arraes@unb.br).

evasivas e, sobretudo, da complacência dos Estados Unidos. No início da Guerra Fria, o Japão era duplamente estratégico: servia de modelo bem-sucedido do capitalismo para tentar conter o avanço comunista no Oriente e o Acordo de Segurança Mútua Japão-Estados Unidos tornava-o “ponta de lança” dos Estados Unidos na região. Mas, ao longo das décadas, essa complacência com o Japão foi diminuindo.

Na década de 80, era grande a pressão para que os países com amplo saldo comercial positivo reduzissem seus superávits e para que o Japão apressasse a liberalização de seu mercado interno à competição estrangeira. A demonstração clara de que a tolerância dos Estados Unidos havia acabado foram os esforços em desvalorizar o dólar em relação ao iene com o Acordo de Plaza (1985) e o Acordo de Louvre (1987), pois se acreditava que a competitividade japonesa estava ligada a uma taxa de câmbio distorcida. Dessa forma, aumentavam-se os empecilhos ao modelo que garantira ao Japão um bom desempenho durante tantos anos, forçando-se o foco da economia japonesa a sair das exportações e voltar-se para o mercado interno.

Nesse contexto, os “megassuperávits” obtidos anteriormente com as exportações forneceram o capital e a desregulamentação financeira facilitou o acesso ao crédito e aos empréstimos, o que inevitavelmente criou o ambiente propício para a especulação. Por sua vez, essa especulação fez com que os ativos (sobretudo imóveis e ações) ficassem excessivamente valorizados no mercado imobiliário e na Bolsa de Tóquio, o que se chamou popularmente de “bolha especulativa”. Na virada da década de 80 para a década de 90, essas bolhas estouraram e muitas empresas, principalmente aquelas do setor bancário, foram à bancarrota ou ficaram em sérias dificuldades. Com o colapso do setor financeiro, não tardaram os seus reflexos sobre o setor produtivo e, assim, deu-se um longo período de estagnação.

Frente aos efeitos da crise como o desemprego e o baixo desempenho econômico, o governo japonês tentou superar a crise de várias formas. Uma delas foi o tradicional aumento de gastos públicos com infraestrutura, mas acabou-se caindo no que os economistas chamam de “armadilha de liquidez”, ou

seja, quando o aumento do dinheiro circulante não é capaz de reaquecer a economia. Em função disso, o governo japonês acabou sendo acusado de aumentar o déficit público com obras inúteis.

Por mais de uma vez tentaram-se medidas nesse sentido, mas não se obtiveram os efeitos desejados. Alguns analistas apontam que a descontinuidade dessas medidas comprometeu a sua efetividade, outros defendem que isso acontecia porque o mercado consumidor externo ainda era mais importante para a economia japonesa do que o interno, isto é, o seu potencial de produção era maior do que seu potencial de consumo. Ainda há aqueles que apontam que medidas baseadas em aumento de liquidez têm efeitos distintos em países de perfil consumista em relação àqueles de perfil poupador. Como o Japão era do segundo tipo, com esse tipo de medida não se poderia esperar uma que a demanda interna se intensificasse muito.

Além dos fatores mencionados acima, outros motivos, alguns um tanto quanto controversos, são comumente relacionados com a não-superação da persistente estagnação tais como: o conservadorismo e a morosidade do governo japonês em função de supostos compromissos do Partido Liberal com determinados grupos de interesse (essa tese estará à prova em breve em função da recente vitória da oposição nas eleições); o envelhecimento da população japonesa combinada com a diminuição da jornada de trabalho; a maior vulnerabilidade da economia japonesa às crises mundiais em função do grau de internacionalização econômica; as denúncias de corrupção no governo; etc.

Nas eleições japonesas desse ano, as pesquisas de opinião indicavam que a maioria do eleitorado ainda achava que a prioridade do novo governo deveria ser a retomada do crescimento, como se para a opinião pública o bom desempenho econômico antecedesse qualquer aspiração a um protagonismo internacional mais eminente. Sabe-se, pois, que a perda de importância relativa do Japão no cenário asiático e mundial não se deve apenas à ascensão meteórica da China, mas também à sua própria incapacidade de superar a estagnação. Assim, enquanto os japoneses tentam não entrar numa terceira década perdida,

alguns de seus vizinhos asiáticos vivem seus milagres econômicos, atraindo para si os holofotes que na década de 80 estavam sobre o Japão.

(1973-1990). Rio de Janeiro: UFRJ/IEI. (Tese de Doutorado).

Referências

- FREEBORN, Robert M. (1984). Eclipse of the Rising Sun. Alhambra: Freeborn Family Organization.
- KASE, Toshikazu (1951). Eclipse of the Rising Sun. London: Jonathan Cape.
- KOSAKA, Masataka. The International Economic Policy of Japan. In: SCALAPINO, Robert A. (ed.) (1977). The Foreign Policy of Modern Japan. Los Angeles: University of California Press.
- TORRES FILHO, Ernani Teixeira (1991). A Economia Política do Japão: Reestruturação Econômica e seus Impactos sobre as Relações Nipo-Brasileiras

Recebido em 24/10/2009

Aprovado em 26/10/2009

Resumo: O artigo discute três elementos importantes para a compreensão da estagnação japonesa.

Abstract: The article discusses three important points to comprehend the Japanese stagnation.

Palavras-chave: estagnação japonesa; década perdida; inserção japonesa

Key words: Japanese stagnation; lost decade; Japanese insertion

